

Nem começou, já está acabando

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dará, na próxima terça-feira, o primeiro sinal efetivo de que a economia brasileira está encerrando, de forma muito veloz, o espetáculo do crescimento. O resultado do Produto Interno Bruto (PIB) referente ao primeiro trimestre do ano mostrará que, em apenas seis meses, de setembro do ano passado a março último, o ritmo de expansão da economia caiu à metade. Até o final do terceiro trimestre de 2004, o PIB, que representa a geração de riquezas pelo país, aumentava a uma velocidade de 6% ao ano. Agora, cresce entre 3% e 3,5%. “Boa parte desse recuo deve ser atribuída à forte elevação das taxas de juros”, diz o economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes.

Pelas contas da economista Carla Bernardes, do Banco Modal, o PIB cresceu apenas 0,2% nos primeiros três meses do ano quando comparado ao último trimestre de 2004. Se forem confrontados os resultados acumulados entre janeiro e março deste ano com os de igual período de 2004, o PIB subiu 3,2%. “Trata-se de uma taxa bem inferior aos 4,9% verificados na comparação do último trimestre do ano passado com o mesmo período de 2003”, afirma. Na avaliação de Carla, o desempenho mais fraco da economia no início de 2005 foi sustentado, principalmente, pela indústria, cuja queda no primeiro trimestre frente aos últimos três meses de 2004 foi de 1,5%.

É importante ressaltar, no entanto, que o comportamento negativo da indústria deveu-se, em grande parte, ao setor da construção civil, cuja retração, nos primeiros três meses do ano, atingiu 2,5% segundo os cálcu-

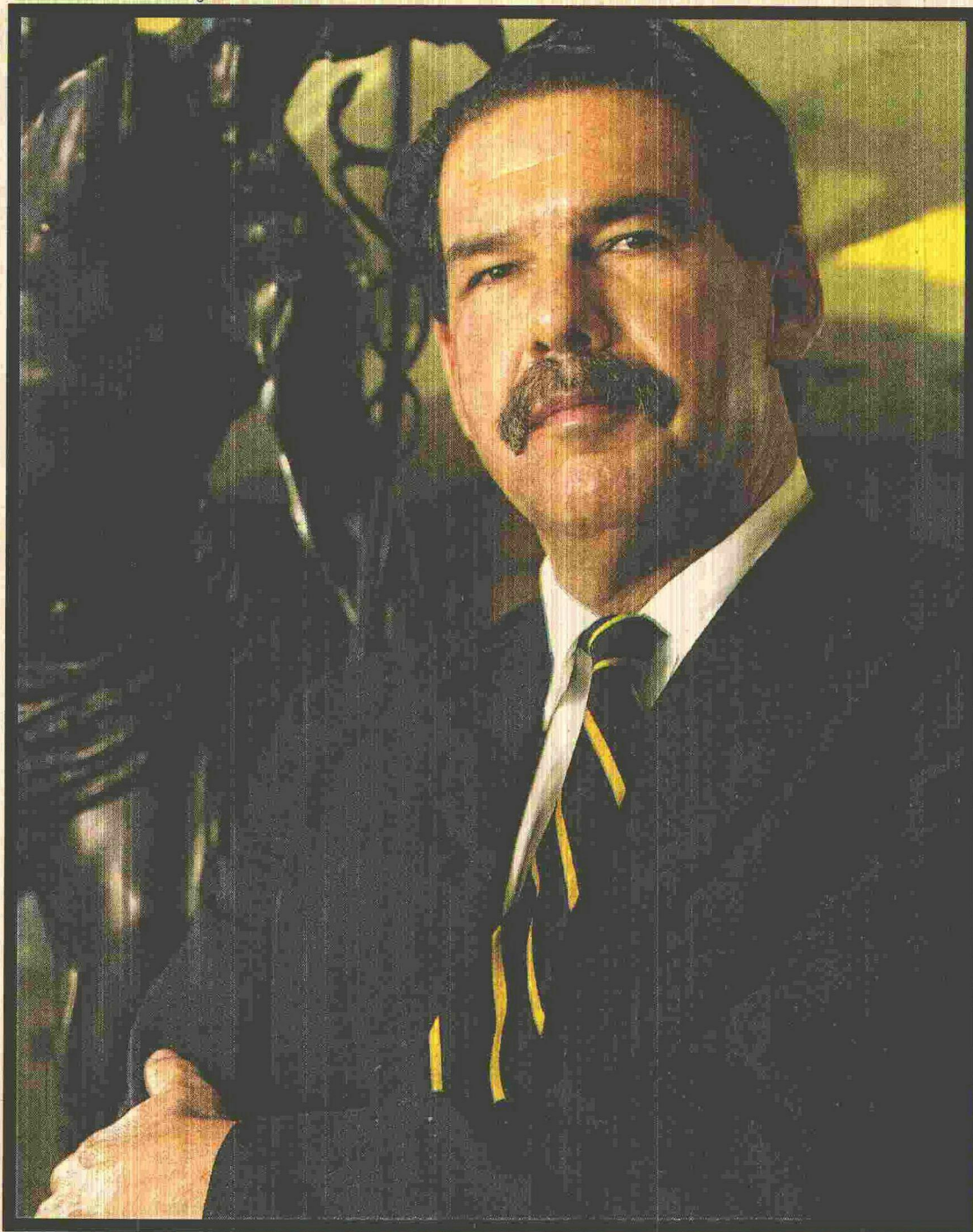
los da economista do Banco Modal. O desempenho sofrível da indústria da construção aconteceu, apesar de haver oferta recorde de recursos para o financiamento de imóveis — R\$ 22,8 bilhões, se somadas as verbas disponibilizadas pela Caixa Econômica Federal e pelos bancos privados. A construção civil é um dos setores que mais empregam mão-de-obra no país.

Âncoras

Na avaliação de Freitas Gomes, da CNC, a expansão do PIB do primeiro trimestre ficou entre 0% e 0,3%. “Trata-se de um índice insignificante para o tamanho e o potencial da economia brasileira”, destaca. Bastante cético, ele ressalta que não há como o PIB fechar o ano com expansão acima de 3%, ainda que o governo mantenha o discurso de que o crescimento será próximo de 4%. “Não fossem os desempenhos do comércio, cujas vendas estão ancoradas no crédito, e das exportações, que se mantêm firmes a despeito da significativa queda do dólar, o país cresceria neste ano 1,5%, devido ao carregamento de parte do aumento de 5,2% do PIB em 2004”, diz.

Para Mário Mesquita, economista-chefe do Banco ABN Amro, o crescimento do PIB nos primeiros três meses do ano foi de 0,5%. “Estamos com uma projeção ligeiramente acima da média do mercado, de 0,45%”, afirma. Já o economista e consultor Luís Otávio de Souza Leal, acredita que o PIB de janeiro a março elevou-se entre 0,2% e 0,3%. “É importante, porém, ressaltar que a desaceleração na economia foi natural e não deve ser entendida como um sinal de estagnação da atividade produtiva”. Ele ressalta, porém, que o desempenho do PIB no segundo trimestre deverá ser um pouco pior, já que o IBGE computará todos os efeitos da seca que destruiu parcela expressiva

Leo Pinheiro/Valor Econômico/Ag. O Globo



PARA O ECONOMISTA CARLOS THADEU DE FREITAS, DA CNC, CRESCIMENTO ANUALIZADO DEVE FICAR ACIMA DE 3%

da produção no Sul do país.

“Ainda que o setor agrícola represente menos de 10% na composição do PIB, as cadeias produtivas ligadas ao setor, como as de

máquinas e implementos e as de adubos e fertilizantes, sentiram muito o peso da seca e tiveram de reduzir a produção”, destaca Leal. Na opinião de Dany Rappaport,

sócio-diretor da Invesport Asset Management, diante do fraco resultado do PIB no primeiro trimestre, dificilmente o saldo final do ano será superior a 3%.